

A expressão da ironia no Português Brasileiro: um estudo prosódico

Wisla M. A. C. Ferreira
CAPES / UFOP
Ouro Preto, MG, Brasil
Universidade Federal de Ouro Preto
wisla_madaleni@hotmail.com

Partindo das premissas de alguns autores, tais como Couper-Kuhlen (1986), Wichmann (2000), Aubergé (2002), Fónagy (2003), que acreditam que aspectos prosódicos relacionados, principalmente, à curva melódica - variações de frequência fundamental (F0), influenciam na percepção do sentido de crenças, atitudes e intenções do locutor, analisamos enunciados irônicos, retirados do Programa da Rede Bandeirantes de Televisão CQC (Custe o Que Custar), a fim de verificar o papel da prosódia na construção dos significados irônicos em contextos específicos.

Palavras-chaves: prosódia; atitudes, ironia.

I. INTRODUÇÃO

Muitos são os estudos acerca das atitudes para o Português Brasileiro: REIS (2001, 2005), ANTUNES (2007, 2013), OLIVEIRA (2011), PAULA (2012) entre outros; em consonância com as teorias prosódicas, esses autores acreditam que aspectos prosódicos relacionados, principalmente, à curva melódica - variações de frequência fundamental (F0), influenciam na percepção do sentido de crenças, atitudes e intenções do locutor. Nesse sentido, este trabalho trata de um estudo piloto acerca da prosódia como uma das pistas para construção do significado da ironia expressa no Português Brasileiro. O termo *ironia* tem significados diversos, assim, discutiremos, um pouco, questões relevantes às definições já estabelecidas ou construídas para este conceito tão ambíguo.

“Um discurso irônico consiste sempre em fazer dizer, por alguém diferente do locutor, coisas evidentemente absurdas, a fazer, pois, ouvir uma voz que não é a do locutor e que sustenta o insustentável.” (Ducrot, *O dizer e o dito*, p. 197).

Partindo da hipótese de que há distinção prosódica entre a expressão da atitude ironia e a fala neutra, ou não atitudinal, objetivamos verificar o papel da prosódia na construção da atitude de ironia, descrevendo os aspectos prosódicos utilizados na expressão dessa atitude. Embasamo-nos, teoricamente, na definição de prosódia como a variação de parâmetros de duração, pausa e altura melódica ao longo da expressão da fala, incluindo, ainda, ritmo e acento. Dessa forma, verificamos as características acústicas de frequência fundamental, de duração, pausas e velocidade de articulação, na tentativa de distinguir e caracterizar os enunciados que expressam essa atitude.

II. POR QUE ESTUDAR A ATITUDE DE IRONIA?

Como entendemos a Ironia? Como acontece a apreensão de sentidos irônicos? Como se dá a construção do sentido irônico? Muito se pesquisa em relação à ironia, GUIMARÃES (2001), MOURA (2003), MARZARI (2010), MALICK (2011), porém esses questionamentos não abarcaram todos os aspectos relevantes na construção da ironia, uma vez que os estudos citados buscaram entender a ironia em sua perspectiva filosófica, atentando-se para as questões ideológicas e sociais; portanto, há lacunas no que diz respeito às questões linguísticas e contextuais da ironia.

Para os Estudos Clássicos, a ironia era um método de arguição, utilizado por Sócrates para orientar seus alunos; assim, por demonstrar um sentido conceituado como sarcástico, “*o termo adquiriu, na Retórica, o sentido de expressão que consiste em dar a entender o contrário do que se quer dizer*” (PAULA, 2012).

Para Schlegel, a ironia:

contém e incita o sentimento da irreconciliável oposição entre o incondicionado e o condicionado, a impossibilidade e a necessidade de uma comunicação perfeita e completa. Ela é a mais livre de todas as licenças, pois através dela nos lançamos para além de nós mesmos, mas ao mesmo tempo é a licença mais afim às leis, pois é incondicionalmente necessária. É um sinal muito bom que os tolos não saibam como receber essa autoparódia permanente, que acreditem e desacreditem nela repetidamente, até a vertigem, tomando a brincadeira pelo sério e o sério por brincadeira. (SCHLEGEL *apud* MARZARI, 2010, p. 50).

Estudos que tratam da definição de ironia não definem o referido conceito de forma única e satisfatória, ou seja, muitas são as discussões acerca de sua construção discursiva e seus efeitos no discurso e nos sujeitos envolvidos na interação verbal.

É certo que há aspectos que diferenciam a fala neutra da fala irônica, porém não foi enfatizado, até então, como esse processo de entendimento da ironia se faz na realização social. Dessa forma, a construção do sentido irônico em contextos específicos carece de mais estudos e entendimentos e, aqui, propomos uma discussão pautada no papel da entonação e do

contexto social e discursivo para a construção deste significado em cenas enunciativas específicas.

Segundo Halliday (1970), as escolhas entoacionais realizadas pelos falantes dependem de diversos fatores, os quais nos levariam a pensar como essas nuances prosódicas ajudam a construir o significado. O autor ressalta que: *“It is more helpful to think of attitudes and emotions as part of meaning; to consider that all intonation patterns convey meaning, and then ask what kinds of meaning they convey.”*¹ (HALLIDAY, 1970, p. 22). O autor estabelece uma análise na qual as escolhas prosódicas refletem suas intenções do locutor na construção do sentido.

Então, perceptivelmente, podemos pontuar que as diferenças de altura melódica e duração/ritmo são marcas que captamos para compreender a expressão de atitudes, o que nos leva a crer que a entonação é relevante na construção da intenção do falante.

III. PROSÓDIA E ATITUDES

O significado do termo prosódia, bem como as funções que a prosódia desempenha na interação verbal, vêm sendo discutidos por diversos teóricos. Neste trabalho, prosódia será entendida como variação de parâmetros de intensidade, duração, pausa e altura ao longo da expressão da fala, incluindo, ainda, ritmo e acento CRYSTAL (1969). Há outros autores, como LAVER (1994), que consideram prosódicos apenas os elementos melódicos e de intensidade.

Segundo Halliday (1970), as escolhas entoacionais realizadas pelos falantes dependem de diversos fatores, os quais nos levariam a pensar como essas nuances prosódicas ajudam a construir o significado, o que ajudaria a pensar nas funções que a prosódia pode desempenhar.

A importância da entonação é também relacionada ao sentido da sentença, ao dizermos coisas diferentes. Caso a entonação de uma sentença seja modificada, certamente ocorrerá uma mudança no significado dessa sentença. A entonação é um dos muitos tipos de recursos que estão disponíveis na linguagem e que nos permitem fazer uma distinção de significados. (HALLIDAY, 1970, apud SILVA, 2008 p. 28).

Crystal argumenta que *“intonation’s most obvious role is to express attitudinal meaning – sarcasm, surprise, reserve, impatience, delight, shock, anger, interest, and thousands of other semantic nuances”* (1995, p. 249, apud Wichmann, 2000).

Há na literatura certo consenso de que a expressão da fala não apenas apresenta características segmentais / gramaticais, mas também carrega aspectos suprasegmentais, entoacionais, os quais expressam as atitudes do falante.

Para os estudos prosódicos, a definição do termo *atitude* ainda é muito discutida, uma vez que a concepção de expressão

atitude é muita das vezes misturada à noção de expressão de *emoções*; entretanto abordaremos *atitude* como uma expressão controlada do falante, monitorada cognitivamente e influenciada por um propósito comunicativo, como propõe Couper-Kuhlen (1986).

Couper-Kuhlen (1986) pontua que as emoções seriam externalizações de estados emocionais não-monitorados, sendo puramente fisiológicos; enquanto que as atitudes seriam expressões cognitivamente monitoradas, convencionadas e com um propósito comunicativo. Nesta perspectiva, a autora cita Fónagy, que considera atitude um comportamento controlado e determinado de forma consciente, ao contrário da emoção, que foge ao controle do locutor.

Nesse sentido, dúvida, certeza, ironia e incredulidade seriam atitudes; enquanto alegria, raiva, tristeza e angústia seriam emoções.

Para desfazer possíveis ambiguidades, já que muitos autores compreendem os termos atitudes e emoções como sinônimos, temos que a expressão de emoções, segundo Wichmann (2000), trabalha com um estado do falante (alegre, triste...), sendo essas emoções involuntárias. Para nosso estudo, nos focaremos nas atitudes, aqui delimitada a atitude de ironia.

A prosódia vem como ferramenta distintiva e fundamental na construção dos significados atitudinais, sendo marcada pelas variações de frequência fundamental, duração, intensidade, ritmo, dentre outros aspectos acústicos. Silva (2008), Oliveira (2011) e Paula (2011) discutiram em seus trabalhos a função da entonação na construção de significados atitudinais, demonstrando para as atitudes de certeza e dúvida, dúvida, incerteza e incredulidade, e, ironia, respectivamente, que aspectos prosódicos são, de fato, relevantes na recepção e produção desses enunciados.

Prosódia e a Atitude de Ironia

Na literatura prosódica não há muitos trabalhos que buscam entender o papel da prosódia na atitude de ironia; podemos citar, no Brasil, MORAES (2010, 2011) e PAULA (2012).

Embora a área careça de mais aprofundamento, há certos questionamentos que nos guiam em nossa busca por respostas: há uma entonação básica para a expressão da ironia? A ironia, enquanto atitude proposicional, está condicionada ao contexto de enunciação? A fala espontânea irônica é semelhante à fala atuada irônica, ou há algo comum às duas modalidades?

Weinrich (1966) já mostrava, em sua sistematização, ao tentar descrever as marcas da ironia, uma série de meios que podem ser utilizados na expressão de tal atitude, sendo eles de caráter verbal ou não verbal: modulações gestuais ou entoacionais (incluindo hesitações, pigarros...), extensão sintática do enunciado, repetições e etc.

Retomando os trabalhos de Moraes (2010, 2011) e de Paula (2011), vemos que a prosódia na produção da ironia é específica em alguns aspectos, diferenciando essa expressão de outras expressões atitudinais ou da expressão não-atitudinal (neutra). Aspectos como valores de F0 em determinados pontos-chave das sentenças, tessitura do enunciado ou de certas

¹ “É mais útil pensar em atitudes e emoções, como parte do significado; considerar que todos os padrões de entonação transmitem um significado e, em seguida, perguntar que tipos de significados essas expressões transmitem.” (Tradução minha).

sílabas, duração do enunciado ou de algumas de suas partes são apontados como parâmetros prosódicos que diferenciam a ironia de outras atitudes proposicionais.

Não há dúvida, portanto de que a prosódia seja relevante para a construção do enunciado irônico, portanto os contextos nos dirão como os locutores/falantes absorvem as questões discursivas e expressam prosodicamente a ironia, a fim de serem compreendidos por seus interlocutores. No entanto tanto os estudos de Moraes (2010, 2011) quanto o estudo de Paula (2011) basearam-se em fala atuada para a descrição prosódica da ironia, o que nos faz pensar em como essa descrição prosódica pode ser feita em enunciados irônicos espontâneos.

IV. METODOLOGIA

O estudo usou como *corpus* uma seleção de enunciados retirados do Programa CQC², no intuito de compor dados de fala espontânea. Após a audição de duas edições do programa, selecionamos dois enunciados de um locutor do sexo masculino, apresentador do programa CQC, que expressassem a atitude estudada.

Os enunciados foram analisados em nível de áudio, no programa PRAAT®, visando à realização das análises acústicas: nesse sentido, podemos quantificar dados de frequência fundamental, duração, pausas. Também verificamos movimentos de F0 que possam ser característicos da expressão da atitude de ironia, em contraste com a fala não atitudinal ou neutra; e em nível de vídeo, em busca de nuances da prosódia visual (movimentos corporais e gestuais). Os valores de duração foram considerados em nível segmental; nessa mesma proposta foram medidas as pausas em segundos.

Então, com base nos métodos descritos, selecionamos o excerto abaixo para análise:

Após a exibição de uma reportagem acerca do lançamento da Biografia de Vera Fisher³, Oscar Filho – um dos integrantes da bancada do Programa CQC – faz um comentário, em resposta a um questionamento de Marcelo Tas, também integrante da bancada:

M.T: Mas, que coisa mais linda que a nossa Vera Fisher! Marlin Monroe que é a Vera Fisher americana ou Vera Fisher que é a Marlin Monroe com sangue do Keith Richards.

O.F: É Verdade!

M.T: Também pode ser.

O.F: Mas, sabia que ela pegou dengue no começo do ano?

M.T: A Vera?

O.F: Tava com dengue, ficou trinta dias de cama... O mosquito. (E1)

M.T: Nossa!

² Uma amostra do referido programa televisivo, exibidos pela Rede Bandeirantes de Televisão pode ser conferida no link: www.youtube.com/watch?V=OSGCASiniU

³ Vale pontuar, que utilizamos a identificação dos participantes da cena enunciativa, pois se faz necessário como uma das pistas de contextualização.

O.F: Sangue de Vera Fisher tem poder! (E2)

M.T: Tem poder mesmo.

O.F: Tem poder, o sangue tem poder!

V. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Percebemos, durante as audições e visualizações do vídeo, que há certos movimentos e posicionamentos que são fundamentais para a interpretação dos enunciados: os interlocutores participantes exigem do público (interlocutor virtual) uma série de esquemas de conhecimento para a construção do significado: para entendimento da cena enunciativa, o telespectador deverá acessar seu conhecimento prévio sobre Vera Fisher, Keith Richards e sobre a Dengue, termos são explícitos nas falas dos apresentadores; há, ainda, outro esquema necessário: a questão ideológica da relação do sangue e do poder.

Notamos que os apresentadores se posicionam, gesticulam e variam sua entonação de acordo com seu propósito comunicativo, uma vez que olham diretamente para câmera, e outras vezes para o colega da bancada. Acreditamos que o direcionamento do olhar para a câmera, em close no apresentador detentor do turno de fala no momento, tem um efeito de aproximação com o público.

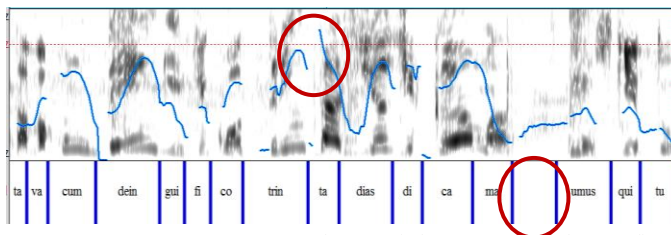


Figura 1: Figura 1: Curva de f₀ do Enunciado 1 “Tava com dengue, ficou trinta dias de cama...o mosquito.”

Visualizamos na curva de f₀ acima que há uma variação (elevação) de f₀ na sílaba “trin”: f₀ inicial está em 177,5 Hz e na sílaba em questão medimos uma f₀ de 423,3 Hz: variação relevante para os estudos prosódicos, promovendo certo exagero, realce ou ênfase. Outra marca prosódica é a pausa, que medimos e durou 0,26 segundos; tais sinais paralingüísticos nos levam considerá-las como marcas da expressão da ironia.

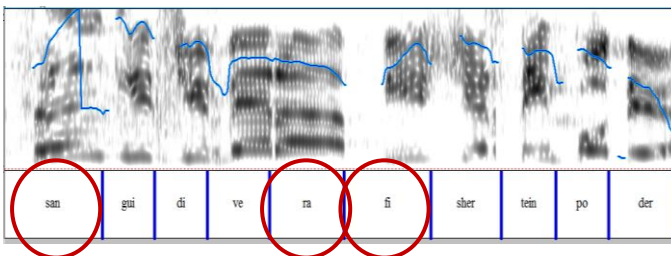


Figura 2: Curva de f₀ do Enunciado 2 “Sangue de Vera Fisher tem poder.”

Na figura acima, temos que o locutor O.F expressa 3,53 sil/seg, em média, as sílabas possuem 0,23 seg. Percebemos que nas sílabas marcadas temos uma duração de 0,40; 0,31; 0,36 respectivamente, o que nos leva a considerar que há um prolongamento não apenas das sílabas tônicas – o

que acontece em “sangue” e “Fisher”, mas, também, nas pós-tônicas, como em “Vera”. Esses recursos são marcas da intencionalidade do interlocutor, em sua expressão do enunciado irônico.

VI. ALGUMAS REFLEXÕES

A partir das breves análises realizadas, visualizamos sinais de que as estratégias linguísticas, marcadas pelas pistas de contextualização – sinais não verbais e sinais paralinguísticos – podem ajudar na construção do significado por parte dos ouvintes e, ainda, compor o processo de expressão da ironia por parte do locutor.

Estes dados nos levam a refletir acerca das considerações de Gumperz (1982), as quais pontuam que a diversidade de ferramentas, pistas de contextualização e que o uso da linguagem promove / funciona como recurso comunicativo nas interações verbais, ou seja, os interlocutores, ao participarem de momentos de interação verbal, lançam mão dessa gama de meios, a fim de realizar um envolvimento conversacional. Esses recursos são de origens linguísticas (alternância do código, do dialeto ou do estilo conversacional) e paralinguísticas (pausas, duração do enunciado, hesitações, variações melódicas...).

Reconhecemos que os dados são insuficientes para rotularmos a expressão da ironia e sua construção em cenas enunciativas diversas, porém é fato que a prosódia é um dos recursos que sustenta a interpretação e análise da conversação, seja face a face, seja virtual – TV, internet, conversas telefônicas.

REFERÊNCIAS

- [1] E. Couper-kühlen. “An introduction to English Prosody”. Tübingen. Niemeyer, 1986.
- [2] A. Wichmann. The attitudinal effects of prosody, and how they relate to emotion. COWIE, R; DOUGLAS-COWIE, E & SCHRÖDER, M (eds). Proceedings of the ISCA Workshop on Speech and Emotion. Newcastle, september, 2000.
- [3] V. Aubergé.. A Gestalt Morphology of Prosody Directed by Functions: the Example of a Step Model Developed at ICP. In: Proceedings of the 1st Conference on Speech Prosody. 2002. p. 151-155.
- [4] I. Fónagy. Des fonctions de l’intonation: essay de synthèse. *Flambeau*, Tokyo, n. 29, p. 1-20, 2003.
- [5] C. Reis. A entonação no ato de fala. In: MENDES, Eliana, OLIVEIRA, Paulo & BENNIBLER, Veronika (orgs.) O novo milênio: interfaces linguísticas e literárias. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2001. p. 221-229.
- [6] C. Reis. Prosódia e Telejornalismo. In: GAMA, Ana Cristina Côrtes; KYRILLOS, Leny; FEIJÓ, Deborah (orgs). Fonoaudiologia e Telejornalismo. Relatos do IV Encontro Nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.
- [7] L.B. Antunes. O papel da prosódia na expressão das atitudes do locutor em questões. 2007. 133 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- [8] M. K. Paula. O papel da prosódia na ironia como expressão de atitude. 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras – Belo Horizonte: UFMG/FALE, 2012.
- [9] O. Ducrot.. A quoi sert le concept de modalité? In: DITTMAR, Norbert & REICH, Astrid (eds). Modality in Language Acquisition. Berlin: Walter de Gruyter, 1993. p. 111-129
- [10] M. J. Guimarães. Ironia: uma primeira abordagem. In: Línguas e Literaturas, Porto, v. XVIII, p.411-422. 2001.
- [11] E. D. Malick. Qualités de l’ironie: Approches croisées de l’ironie dans L’Homme sans qualités de Robert Musil. Thèse de Doctorat d’Études germaniques. Université Lumière Lyon 2. 286 p. 2011.
- [12] M. A. K. Halliday. A course in spoken English: intonation. London: Oxford University Press, 1970.
- [13] D. Crystal. Prosodic systems and intonation in english. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- [14] J. P. G. SILVA.. Análise dos aspectos prosódicos na expressão da certeza e da dúvida no português brasileiro. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- [15] H. WEINRICH.. Linguistik der Luge. Heidelberg Lambert Schneider, 1966.
- [16] J. GUMPERZ. Discourse Strategies. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.